

Experiências do PIBID FILOSOFIA da UFSM no projeto “O homem e a tecnologia no século XXI”

Simone Becher Araujo Moraes *
Elisete Medianeira Tomazetti **

Resumo

As questões relativas ao ensino de filosofia e às tecnologias da informação e da comunicação (TIC) aparecem nos últimos anos como uma das preocupações dos professores e pesquisadores da área do ensino de filosofia. Esta pesquisa tem como objetivo a problematização das questões relativas aos limites e possibilidades de refletir, debater e utilizar as TIC no âmbito do ensino de filosofia no ensino médio. A principal fonte das discussões sobre a temática foram as reflexões produzidas pelos bolsistas que fizeram parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no ano de 2012. Tais bolsistas desenvolveram oficinas em duas escolas estaduais de Santa Maria, RS, sobre a temática “O homem e a tecnologia no século XXI”. Como resultados desta pesquisa, destacamos a contribuição do programa PIBID para a formação inicial e continuada dos professores de filosofia, no sentido de proporcionar não apenas o contato com a sala de aula e o exercício da docência, mas também o movimento de pensar filosoficamente sobre as questões acerca da realidade da escola que ainda se conserva dentro dos moldes tradicionais e apresenta certas resistências à chegada do novo e deste novo jovem que está imerso na cultura do virtual. Esta pesquisa pretende ser uma contribuição para as discussões filosóficas acerca da temática das TIC na aula de filosofia.

Palavras-chave: ensino de filosofia, TIC, PIBID, ensino médio.

Experiences from UFSM’s Pibid Philosophy Project “Man and Technology in the Twenty-First Century”

Abstract

Over the last years, the issues related to the teaching of philosophy and to the Information and Communication Technology (ICT) have been one of the concerns of teachers and researchers in the field of philosophy teaching. This study has the goal of investigating the limits and possibilities to reflect on, to debate about, and to make use of ICT in the realm of high school philosophy teaching. The main source of discussions about this topic has been the reflections made by the scholarship students who participated in the 2012 Institutional Teaching Initiation Scholarship Program (Pibid). These students have run workshops in two State govern-

* Doutorando em Educação na UFSM. E-mail: simonebechermor@gmail.com

** Professora Dra. do programa de Pós-Graduação da UFSM. E-mail: elisetem2@gmail.com

ment schools from Santa Maria-RS about “Man and Technology in the Twenty-First Century.” As an output of this research, we underline Pibid’s contribution for the initial training and continuing education of philosophy teachers as a means to allow both the contact with the classroom and with teaching, as well as the effort to think philosophically about the issues related to the school reality. These schools are still influenced by the traditional ways and present certain resistance to the arrival of novelties as well as to these new students immersed in the virtual culture. This study seeks to offer a contribution to the philosophical discussions about the topic of ICT in philosophy classes.

Keywords: Teaching of philosophy; ICT; Pibid; secondary education.

Introdução

A filosofia não é um corpo de conhecimentos bem definido ou bem acabado e o professor não tem como função somente transmitir a tradição filosófica e o aluno simplesmente aprender (CÂNDIDO, 2005). A filosofia é um sistema em constante movimento e só é aprendida no seu exercício, com o indivíduo pensando por si mesmo, realizando suas próprias conexões e, assim, reconstruindo, ele mesmo, os conceitos filosóficos:

[...] a própria prática da filosofia leva consigo o seu produto e não é possível fazer filosofia sem filosofar, nem filosofar sem fazer filosofia [...] porque a filosofia não é um sistema acabado nem o filosofar apenas a investigação dos princípios universais propostos pelos filósofos. (GALLO; KOHAN, 2000, p.184)

É urgente a necessidade da formação de professores de filosofia que compreendam quais são as formas e acionamentos da filosofia juntamente com a sua tradição e quais são suas formas de filosofar, para que ensinem os seus alunos do ensino médio a efetivamente realizar a atividade de entender e criticar de forma mais séria tanto a filosofia do passado como a do presente e, em consequência, filosofar sobre o mundo em que se está inserido (OBIOLS, 2002).

Com a crescente emergência das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), do crescimento do ciberespaço e do hipertexto, o lógos ou a palavra, o filosofar e a produção de conhecimento acabam por sair da exclusividade das páginas impressas de livros, da oralidade, das enciclopédias ou jornais. Adotam-se, pois, instrumentos

novos, com flexibilidade temporal e espacial, proporcionando outras formas e novas oportunidades para as dinâmicas de leitura e de compreensão do mundo. A soma desses e outros fatores produzem novos efeitos sobre os indivíduos, originando novas subjetividades, e sobretudo produzem efeitos sobre a escola e sobre como compreendemos o aprender e o ensinar e, principalmente, em nossa investigação, sobre o ensinar filosofia e o filosofar nos dias atuais.

Encontramo-nos, também, em uma época em que são diversas as demandas do professor de filosofia que se encontra em meio a tantos recursos tecnológicos, principalmente no que diz respeito às TIC. Aparece, assim, a necessidade de pensar e lançar mão desses recursos para realizar, de uma maneira mais efetiva, atualizada e dinâmica a sua proposta pedagógica. No entanto, isso nem sempre é fácil ou até mesmo possível, pois depende de vários fatores tais como conhecimento, formação, habilidades, estrutura da escola, reflexão e disponibilidade de recursos e tempo para que essa apropriação das novas TIC possa acontecer.

Tendo em conta a realidade da presença e da ampla utilização das TIC ao mesmo tempo em que coexiste uma lógica mais resistente e menos aberta à mudanças por parte da escola, pretende-se problematizar, neste texto, o ensino e a aprendizagem da filosofia em sua relação com as tecnológicas (TIC) e com a sociedade tecnológica.

Realizamos, portanto, uma pesquisa de cunho qualitativo com a utilização da técnica de grupos focais. Tivemos como participantes da pesquisa os atuais bolsistas e ex-bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (PIBID Filosofia), que desenvolveram no ano de 2012 projetos em duas escolas estaduais de ensino médio na cidade de Santa Maria, RS, tendo como tema principal “O homem e a tecnologia no século XXI”.

O PIBID Filosofia da UFSM

De acordo com Silva e Coronel (2006), o ensino de filosofia tem passado por um momento de maior análise, abrindo cada vez mais espaço para os diálogos concernentes aos conteúdos e metodologias da disciplina. Isso tudo de forma a contemplar as características próprias da filosofia, não apenas no que se refere à transposição das

metodologias que são utilizadas nos cursos de graduação em filosofia, mas sim de tornar a filosofia mais “aderente” à realidade da sala de aula no ensino médio.

Atualmente, algumas políticas para a formação inicial e continuada de professores vêm sendo implementadas pelo governo federal e, dentre essas políticas, procuramos destacar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Esse programa é hoje já consolidado e tem atingido muitas das metas estabelecidas em sua origem, demonstrado ser de grande valor para os cursos que formam professores no Brasil.

Em 29 de janeiro de 2009, a Capes promulgou o Decreto nº 6.755, que tratava da Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, que prevê o apoio dos três níveis de governo para a organização e amparo ao processo de formação docente. O foco passa a ser a escola como parceira das instituições de ensino superior na criação dos projetos para estímulo à docência na educação básica (BRASIL, 2009). Alguns dos principais objetivos deste decreto são: a promoção da melhoria da qualidade da educação básica pública; o apoio na expansão e oferta aos cursos de formação inicial e continuada dos profissionais do magistério; a promoção da igualdade de oportunidades de formação inicial e continuada a nível nacional; valorização docente; a atualização técnico-metodológica dos profissionais da educação; a ampliação de docentes atuantes na educação básica; formação integral dos professores; atualização, principalmente no que se refere às TIC e à integração da formação inicial com a educação básica.

Sendo assim, a Capes criou o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), cujos principais objetivos são os descritos acima, acrescidos da valorização do magistério para que mais acadêmicos escolham a carreira docente; elevação da qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial dos professores; inserção dos licenciandos no contexto escolar para uma maior integração entre a escola e a universidade; e da mobilização dos professores das escolas básicas como cofomadores dos futuros professores. Sobre a questão da formação docente, Marçal e Cruz (2012, p. 8) afirmam o que é o PIBID:

[Trata-se de] uma forma outra de experienciar a prática pedagógica [que] ganha novo olhar, nova roupagem e, acima de tudo, a possibilidade de transformar-se em fissura, vazamento, tensionamento e resistência de todos os envolvidos no processo formativo.

No caso da licenciatura em filosofia na UFSM, o PIBID tem sido um dos grandes aliados na formação dos futuros professores, uma vez que, por meio do programa, os alunos têm uma maior oportunidade de vivência dentro da escola básica antes de iniciar o estágio curricular previsto no currículo do curso. De acordo com Tomazetti (2012, p. 9), esses objetivos do PIBID “vieram ao encontro do que historicamente carecíamos e reivindicávamos no contexto dos cursos de licenciatura e, em especial, do curso de licenciatura em filosofia da UFSM”.

Mesmo o programa PIBID já tendo seus objetivos orientadores delimitados pelo edital orientador, foram elaborados alguns pressupostos que embasam as ações do grupo. Tomazetti (2012) sinaliza alguns desses pressupostos que dão um caráter mais contextualizado ao trabalho do grupo junto às escolas da cidade. Tais pressupostos são: as ações do grupo norteadas pelas pesquisas, discussões e leituras realizadas dentro do próprio grupo; compreensão de que o projeto é um significativo espaço para pensar, problematizar e, sobretudo, para tornar mais efetivo o diálogo entre a escola e a universidade, gerando experiências significativas na relação do jovem com a filosofia; a convicção de que o ensino de filosofia, segundo Tomazetti (2012, p. 10), “poderia ser desenvolvido a partir do uso de outras linguagens e da interação com outros mediadores e intercessores, como o cinema e teatro”. Isso tudo de forma a não deixar de lado o trabalho com o texto e a escrita filosófica com os alunos do ensino médio.

Desde sua implantação no curso de filosofia da UFSM, o projeto PIBID vem sendo desenvolvido tendo como pressuposto fundamental os interesses dos jovens que estão na escola. A cada ano, o projeto vem aprimorando suas atividades no sentido de trabalhar tanto com conceitos filosóficos quanto com o uso efetivo desses conceitos por meio de várias linguagens.

No ano de 2012, o grupo de bolsistas PIBID, juntamente com as duas escolas parceiras, teve a oportunidade de trabalhar sobre as questões das TIC por meio do projeto “O homem e a tecnologia no século XXI”, desenvolvido em conjunto com bolsistas, professores e alunos. Tal projeto culminou na atividade de encerramento chamada de “Olimpíadas de Filosofia”, que ocorreu nas dependências da UFSM no final de 2012, como conclusão das atividades realizadas.

A seção seguinte trata da análise das falas dos grupos focais compostos por

alguns dos participantes do projeto PIBID no ano de 2012, juntamente com algumas considerações.

Análise dos grupos focais com o PIBID FILOSOFIA

A escolha da técnica qualitativa de grupos focais surgiu da necessidade de captar os diversos olhares dos participantes do programa PIBID Filosofia de forma a contemplar a interação e a comunicação entre os participantes, bem como uma possível análise e avaliação destes sobre o trabalho que desenvolveram no projeto PIBID no ano de 2012. A escolha da técnica de grupos focais é apropriada quando existe a necessidade de ampliação acerca de algum projeto ou assunto, configurando-se, assim, em uma excelente ferramenta para a presente pesquisa.

Os grupos focais trouxeram a esta pesquisa muito mais informações e reflexões importantes, que corroboram com o refinamento teórico e bibliográfico feito anteriormente e no decorrer da análise das reflexões produzidas pelos participantes.

Foram escolhidos sete estudantes e ex-estudantes de licenciatura em filosofia da UFSM que participaram do PIBID e dos debates, bem como dos estudos e das oficinas sobre as “Olimpíadas de filosofia”, realizadas no final do ano de 2012 com os alunos do ensino médio de duas escolas estaduais de Santa Maria e cujo tema foi “O homem e a tecnologia no século XXI”. Para a realização do projeto, os participantes se envolveram em um intenso movimento de pesquisa e reflexão sobre a questão das tecnologias e a relação do homem com estas. Estudos e debates foram realizados nas reuniões dos bolsistas PIBID, nas dependências da UFSM e nas oficinas com os estudantes das duas escolas participantes. A partir desses dados, justificamos, assim, a escolha dos participantes dos grupos focais.

Para que fosse possível alcançar os resultados esperados com os grupos focais, foi de suma importância a troca de ideias entre os próprios sujeitos da pesquisa, que num primeiro momento foram orientados pelo moderador, por meio de perguntas específicas e norteadoras. No decorrer dos grupos focais, os grupos acabaram por direcionar o tema de acordo com suas percepções e vivências pessoais em sala de aula. Dessa forma, trouxeram, para a conversa, questões e reflexões provenientes de suas experiências no PIBID, bastante específicas e pertinentes.

O primeiro grupo focal foi constituído por três ex-*pibidianos*, que são

atualmente professores em três escolas estaduais de Santa Maria, RS. Tal encontro teve a duração de duas horas e 45 minutos. O segundo grupo, constituído por quatro atuais e ex-pibidianos que ainda não exercem função de professores na escola básica, teve a duração de 1 hora e 15 minutos.

Cabe aqui ressaltar que, para a realização dos grupos focais e para a análise das falas dos participantes, foi assumida uma postura de análise em que o olhar, a leitura e a interpretação procuram assumir que a realidade é considerada uma construção social subjetiva, múltipla e passiva da pluralidade dos sentidos. Buscamos analisar o modo como determinadas verdades enunciadas nas falas dos sujeitos da pesquisa produzem efeitos na sua prática pedagógica, nos jovens envolvidos com o projeto e no contexto em que estão inseridos.

Sendo assim, para a sistematização e organização das falas dos participantes dos grupos focais, foram construídas quatro categorias, considerando a coerência com o tema a ser discutido e abordado na forma de perguntas norteadoras feitas aos grupos, a fim de mantermos um foco para desenvolvimento do tema, assim como elementos relativos ao tema proposto trazidos pelos próprios participantes.

As categorias são: relação dos participantes com a temática desenvolvida nas oficinas; participação dos jovens nas oficinas e abertura da escola para o projeto e realidade das TIC; limites e possibilidades de trabalho filosófico com o tema das TIC e a questão da leitura e escrita filosófica; possibilidades ou impossibilidades do uso das TIC na aula de filosofia. Trataremos agora de cada uma das categorias.

Relação dos pibidianos com a temática desenvolvida nas oficinas

Segundo os participantes dos grupos focais, a escolha do tema do projeto PIBID, em 2012, foi feita em conjunto e em comum acordo entre os bolsistas e a coordenadora do projeto durante uma das reuniões semanais do grupo. Tais reuniões acontecem há aproximadamente quatro anos, na sala do Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Filosofia (LEAF) da Universidade Federal de Santa Maria, sob a coordenação da professora Dra. Elisete M. Tomazetti. Essas reuniões configuram-se em ricos espaços de discussão, reflexão e leituras referentes ao ensino médio, ensino de filosofia e aos temas que estão sendo trabalhados com os jovens estudantes das escolas que participam do projeto.

De acordo com os participantes, assim que a temática foi sugerida, logo surgiram várias ideias de leituras e de oficinas que poderiam ser desenvolvidas com os jovens estudantes. Não obstante, foi necessário que os bolsistas levassem o tema proposto para deliberação na escola, a fim de que os jovens e as professoras supervisoras demonstrassem ou não interesse em trabalhar com o tema – relação do homem com as tecnologias – e também apresentassem suas preferências de enfoque e direcionamentos.

Como houve interesse e identificação com a temática por parte dos jovens e das professoras supervisoras, iniciaram-se os trabalhos das oficinas que englobaram atividades diversificadas, tais como leitura de textos filosóficos e não filosóficos, problematização de temas, conceitos e textos, discussão e realização de atividades referentes ao tema proposto. Os processos e resultados foram: produção de vídeos, dramatizações, dança, textos, poemas, esculturas, desenhos, entre outras atividades.

Inicialmente, quando o projeto estava na fase da divulgação e das leituras iniciais, ficou evidente, nos discursos dos participantes dos grupos focais, a adesão que a temática “O homem e a tecnologia no século XXI” teve por parte do grupo dos bolsistas PIBID, das duas escolas e, sobretudo, dos jovens estudantes, conforme destaca a seguinte fala:

A escolha da temática foi em consonância com os bolsistas e com as escolas [de] que nós estávamos participando, em diálogo com as professoras e visualizando os interesses dos alunos também. A gente viu que este era um tema pertinente. [...] Este é um tema que perpassa todas as relações que a gente estabelece com o mundo e entre as outras pessoas e conosco mesmo, né? A questão da tecnologia faz parte de todo processo histórico de construção do que a gente é hoje e com a qual a gente questiona como seria o mundo com menos tecnologia. As pessoas têm dificuldade até de imaginar como poderia ser, pois é algo tão impregnado na nossa vida. Então de colocar isso em questão, eu acho que foi algo fundamental tanto pro PIBID quanto para as escolas que fizeram parte desse momento de reflexão. (Sueli, grupo 1).

Nesse caso, percebemos que às TIC são delegadas uma importância e centralidade construídas pelos próprios sujeitos que delas se utilizam. Esses sujeitos, na medida em que se apropriam das TIC, interagem com elas, criam a partir delas, constituindo, assim, suas condições de existência, ou seja, seus modos de ser, ver e pensar o seu entorno. Esse comportamento aparece claramente na seguinte frase

extraída do excerto acima: “As pessoas têm dificuldade até de imaginar como poderia ser, pois é algo tão impregnado na nossa vida” (Sueli, grupo 1).

De acordo com Palácios (2005), começa a surgir um novo tipo de cultura, caracterizada por uma situação em que a própria realidade de experiência simbólica e material das pessoas é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de “imagens virtuais” do mundo, onde as representações estão para além das telas comunicadoras das experiências e são a própria experiência.

Anteriormente à realização das oficinas nas escolas, os bolsistas tiveram a oportunidade de estudar alguns textos sobre a temática do “Homem e a tecnologia do século XXI”. Tais textos trouxeram inúmeros elementos para a reflexão e suscitaram uma série de posicionamentos para as abordagens e enfoques que seriam desenvolvidos nas escolas por ocasião das oficinas com os jovens estudantes. Um dos primeiros textos trabalhados pelo grupo de bolsistas PIBID foi *Meditação sobre a técnica*, de Ortega y Gasset, de 1963, que trata de questões como “sentido, vantagens, danos e limites da técnica”. De acordo com uma das participantes, os momentos de estudo e pesquisa sobre a temática foram cruciais para o desenvolvimento das oficinas, pois possibilitaram uma problematização filosófica que transcendia a mera opinião e o senso comum sobre as tecnologias e a relação do homem com ela: “A leitura e pesquisa bibliográfica séria foi o que nos deu um embasamento. A discussão foi muito pertinente, pois a gente, muitas vezes, não pode discutir o mundo em que estamos inseridos” (Laura, grupo 2).

Percebe-se que, no projeto PIBID Filosofia da UFSM, é justamente essa postura de professor pesquisador que está sendo encorajada e potencializada, a fim de que as aulas de filosofia possam se tornar ambientes mais ricos e propícios a uma reflexão filosófica qualificada.

A partir da leitura de textos e da pesquisa bibliográfica, cada grupo de bolsistas, em suas respectivas escolas, juntamente com os alunos e supervisoras, deu o direcionamento do trabalho filosófico sobre a temática, de acordo com suas preferências de autores e de abordagem.

Participação dos jovens nas oficinas e abertura da escola para o projeto e realidade das TIC

Mesmo que o jovem esteja inserido em uma sociedade tecnológica e pareça

compreender os seus dispositivos e formas de utilização das tecnologias, isso não lhe dá, necessariamente, uma capacidade de avaliar as dimensões dos valores e das problemáticas humanas envolvidas. Aparece aí o importante papel da filosofia e do professor de filosofia no papel de orientador, tutor ou mediador.

Abaixo podemos perceber a receptividade por parte dos estudantes com relação à proposta da temática das tecnologias para as oficinas:

Na escola X teve uma boa adesão, eu acho que foi um assunto que tocou e motivou eles pra trabalhar, e até porque o assunto era trabalhado em oficinas. No meu ponto de vista motivou porque justamente é um assunto que faz parte da vida deles que são a juventude e o envolvimento com a tecnologia, etc. (Leon, grupo 1).

Como usuários mais assíduos das TIC, os jovens participantes do projeto parecem ter percebido, a partir das primeiras provocações dos bolsistas sobre o tema, a importância da reflexão sobre os usos das tecnologias. Além de haver ocorrido uma identificação desses jovens com a temática, eles se sentiram aptos e provocados a se lançarem no trabalho filosófico sob a orientação dos bolsistas, a fim de construir suas próprias provocações e problematizações.

A respeito de como as escolas receberam o projeto, pode-se destacar que o grupo do PIBID não tinha a intenção de chegar às escolas impondo um projeto já fechado. Isso se deve ao fato de que se buscou respeitar os trabalhos que já estavam sendo realizados pelos estudantes, priorizando uma aprendizagem contextualizada e significativa, o que podemos ver no excerto que segue:

O que eu acho que motivou bastante na escola é que o grupo ano passado já vinha trabalhando sobre a questão do progresso, não especificamente o progresso tecnológico, mas o progresso geral. Depois, em agosto é que se direcionou mais à questão da tecnologia em relação ao homem, à questão do progresso e mais alguns elementos já haviam sido trabalhados no início do ano com algumas oficinas sobre liberdade, ser e ter, sobre a industrial cultural e assim vai. (Leon, grupo 1).

Outro integrante do grupo também relata aspectos do comprometimento por parte dos jovens com o desenvolvimento das atividades em que, na maioria dos casos, se lançou mão de algum tipo de tecnologia para sua realização:

No grupo que eu trabalhei os jovens eram totalmente comprometidos, envolvidos. Eles que praticamente fizeram tudo, a gente só aparando daqui e dali. Toda a ideia foi deles, envolvidos na edição, eles sabem mexer, eles pegam a filmadora, o MovieMaker etc. (André, grupo 2).

As falas acima mostram que já existe, além de um grande interesse pela questão das TIC, uma incorporação tanto no discurso quanto da vivência dessa “nova revolução”. Essa revolução, segundo Castells (1999), é a “revolução das novas tecnologias da informação”, dentro das escolas e no cotidiano dos jovens, ainda que seu acesso às TIC ainda se dê de forma restrita, em função de sua condição social, como podemos perceber na seguinte fala: “Os alunos participaram bastante, se encontravam na escola num outro turno. Os outros alunos também se envolveram. Alguns não participaram, porque não tinham internet em casa” (Mara, grupo 2).

O movimento realizado dentro do projeto do PIBID sobre a temática das TIC procurou fazer da escola, em especial da aula de filosofia, um espaço de trabalho com o conhecimento sistematizado, com base em diferentes informações e conceitos filosóficos. Tais conhecimentos foram fruto de experimentações, reflexões, estudo e pesquisa em diferentes fontes digitais. Os bolsistas atuaram como mediadores do processo e possibilitaram que esse conhecimento e pesquisa sistematizados fossem transformados em questionamentos sobre os usos e aplicações das TIC, no sentido de verificar como elas influenciam nossos modos de ser no mundo e como se dão as novas formas de subjetivação.

Limites e possibilidades de trabalho filosófico com o tema das TIC e a questão da leitura e escrita filosófica

Ao serem indagados sobre as possibilidades de se trabalhar com o tema das tecnologias de forma filosófica na sala de aula do ensino médio, um dos participantes respondeu:

Podemos problematizar a questão do progresso: até que ponto ele nos traz mudanças ou melhorias? Isso é importante. Que aconteça na sala de aula pra gente não descartar também a problematização de algum autor clássico. Podemos exibir um vídeo sobre isso, não necessariamente usar o texto, pois é possível pensar essas questões a partir de vídeo também, ou buscar vídeos

de autores sobre a indústria cultural como do Adorno. Enfim, depende do enfoque que cada turma vai dar ao problema. (Sueli, grupo 1).

Aqui é importante destacar a importância e o peso que o texto filosófico representa para o trabalho em uma aula de filosofia no ensino médio. Sabemos que a leitura e o entendimento do texto são passos fundamentais para o saber filosófico, não apenas no que diz respeito à compreensão dos símbolos, mas também no que se refere à compreensão da relação que é capaz de vincular a linguagem à realidade.

Percebe-se, portanto, uma disponibilidade para o uso de outros recursos textuais e não textuais que, se utilizados com objetivos bem claros, têm a potencialidade de proporcionar uma maior abertura para o trabalho filosófico juntamente com suas outras formas de leitura e de produzir filosofia. Pode-se visualizar isso principalmente quanto ao uso da imagem, que é um dos elementos do cotidiano do jovem e que está amplamente presente nos modos e usos das TIC. Dessa forma, a imagem, segundo os participantes dos grupos focais, também pode ser uma aliada ao trabalho com o texto filosófico, bem como pode proporcionar uma postura mais interdisciplinar, possibilitando o desenvolvimento, na sala de aula, da leitura filosófica de elementos não textuais.

Como eu procuraria fazer? Seria começar com algum meio, algum que não fosse propriamente conteúdo filosófico, como nós tentamos fazer no PIBID, tipo ver um filme, discutir um filme, ler um texto didático como um artigo de jornal, uma poesia, enfim, um texto filosófico que não seja dos autores clássicos. (Lucas, grupo 1).

Podemos observar que aparece, entre os sujeitos participantes dos grupos focais, um discurso que vai ao encontro do uso de outros recursos que não apenas o texto filosófico para o trabalho com a filosofia. Cabe aqui ressaltar que o trabalho e o movimento de pensar os problemas de modo filosófico, em sentido contrário ao ritmo em que vive a nossa sociedade, não são da ordem do imediato, pois uma formação filosófica não segue a lógica da velocidade da internet, não é instantânea, sendo importantes a disciplina, a paciência e o empenho para que se desenvolvam um pensamento mais independente e uma postura mais autônoma. Talvez, por esses motivos e de acordo com o discurso do bolsista PIBID apresentado acima, referente às novas configurações da sociedade, se apresente viável que, num primeiro momento, se inicie o trabalho filosófico lançando

mão de um registro não necessariamente filosófico como ponto de partida. Isso porque, sendo a filosofia primordialmente uma experiência do pensamento, um dos principais objetivos da aula de filosofia é proporcionar ao jovem sua própria experiência com o pensamento do tipo conceitual filosófico. A partir de registros mais familiares ao jovem, a filosofia se torna mais acessível.

Ultrapassar as barreiras de uma tradição que preza pelo escrito e pelo impresso acaba por ser um dos maiores desafios para a escola e, sobretudo, para o professor de filosofia, que em sua formação inicial tem como base o exercício e a prática do estudo e a análise minuciosa dos textos clássicos.

Possibilidades ou impossibilidades do uso das TIC na aula de filosofia

Iniciamos pelo excerto abaixo, no qual um dos participantes comenta como surgiu a necessidade de trabalhar com o tema das tecnologias com seus alunos e qual o tipo de atividade que foi desenvolvida para a realização do trabalho filosófico com os jovens:

Numa das atividades do seminário integrado a gente está trabalhando o tema gerador “adolescência”. Eles estão sempre tocando no assunto da tecnologia. Então, uma atividade que a gente fez foi entrevistar pessoas de uma outra geração que não a deles para fazer esta comparação do que eles têm e o que já as outras gerações tiveram em termos de tecnologias. Fizemos essa atividade, pois eu acho que uma das questões da disciplina de filosofia é desnaturalizar as coisas, tipo “Ah! as coisas sempre foram assim”. (Sueli, grupo 1).

Aqui adentramos nas questões acerca dos chamados “nativos digitais”. A maioria destes, embora saiba que há poucos anos ainda não existiam boa parte das tecnologias atuais, tais como *smartphones*, *tablets*, entre outros dispositivos tecnológicos, se surpreende com o fato de existir um mundo onde elas não eram presentes. O papel da filosofia, como citado acima, é desnaturalizar a presença das tecnologias, analisar o cenário atual e problematizar o lugar das tecnologias nesse contexto, indo além da análise e explicação de termos técnicos, compreendendo as relações que o homem estabelece com essas ferramentas e os efeitos dessa relação na sociedade e nos indivíduos.

Outra forma de abordar a questão da relação homem-tecnologias, utilizada por um dos grupos de oficinas, foi o foco na questão social, principalmente no que diz respeito às relações entre os sujeitos:

Foi bom para pensar como mundo está ficando e que mundo vamos deixar. Tecnologia pode ir te isolando, como foi apresentado no curta que eles fizeram “Da rua pra lua”, na medida em que o computador entrou na vida dos jovens eles foram se isolando. Isso passa pela obsessão pela plenitude. Como no caso do celular, cada dia tem um novo. (André, grupo 2).

O relato acima concerne a um trabalho que buscou, por meio da produção de um filme de curta-metragem, refletir as questões relativas às TIC e à relação que as pessoas têm com elas e a partir delas. Foi, segundo os participantes dessa oficina, uma maneira de pensar filosoficamente sobre os aspectos do isolamento social, de caráter físico, que o uso descontrolado da internet é capaz de produzir.

As reflexões elaboradas pelo grupo proporcionaram a problematização da seguinte premissa: umas das finalidades do uso da internet seria o encurtamento de distâncias para a aproximação das pessoas. No entanto, o que eles (jovens e bolsistas) perceberam foi que cada vez mais as pessoas estão se isolando em um “lugar virtual”, o que os jovens do projeto apontaram como sendo problemático e causador de vários problemas na atualidade.

Outra importante e interessante abordagem dada pelo grupo dos bolsistas, durante o desenvolvimento das oficinas, foi a problematização de questões relativas à biopolítica, principalmente em virtude de alguns integrantes do grupo fazerem parte do grupo de leituras de Michel Foucault:

Eu acho que o caminho que a gente tentou tomar na escola foi interessante. Eu acho que esse foi um espaço de questionamento, um dos caminhos que tentamos indicar para o trabalho. Foi bem interessante. Eu tentei trabalhar foi a questão da biopolítica, pois além de pertinente ao tema, a escola como instituição também precisa ser pensada. Esse é até um conceito facilitador. (Laura, grupo 2).

Com este último tópico sobre os relatos de experiências e reflexões acerca das possibilidades de pensar o ensino de filosofia e as TIC, verificamos que é possível trazer

para a discussão filosófica a questão das TIC, sem que isso fique apenas no âmbito do saber ou não utilizar os aparatos tecnológicos ou dos benefícios e malefícios destes.

Conclusões

Acerca da nossa proposta das oficinas do projeto PIBID, nas escolas relatadas pelos participantes dos grupos focais, é possível afirmar que os grupos focais realizados obtiveram êxito. Eles cumpriram seu propósito inicial, que era trazer para a reflexão as questões e pensamentos sobre o ensino de filosofia e o PIBID, sobretudo por ser um trabalho filosófico cujo tema é tão atual e presente na vida dos jovens e da sociedade em geral – “O homem e a tecnologia no século XXI”.

Foi possível perceber, com os grupos focais, nuances dos processos de formação dos acadêmicos de filosofia que fizeram parte do projeto PIBID durante a escolha, preparação e desenvolvimento e conclusão da temática escolhida pelo grupo. Também se perceberam em seus discursos as perspectivas e relações estabelecidas entre eles e a filosofia, entre o ensino de filosofia e o cotidiano escolar e, por fim, entre a filosofia e as TIC.

Foi possível observar posicionamentos bastante diversos sobre a escola, o ensino de filosofia, a Universidade, o PIBID e as TIC. Consideramos ser de suma importância, em nossa pesquisa, levar em conta toda a diversidade de reflexões, informações e questões que os sujeitos trouxeram para o momento dos grupos focais.

Certamente houve um grande aprendizado tanto por parte dos bolsistas que puderam experienciar o trabalho em sala de aula quanto por parte dos alunos, que tiveram uma abertura a mais para aprender e desenvolver o pensamento filosófico acerca da realidade tecnológica que o cerca.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica*. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6755.htm>. Acesso em: 15 ago. 2013.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CÂNDIDO, C. *A filosofia no Ciberespaço*. Ijuí: Unijuí, 2005.

GALLO, S.; KOHAN, W. O. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no Ensino Médio. In: GALLO, S.; KOHAN, W. O. (Org.). *Filosofia no Ensino Médio*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.174.196.

MARÇAL, K. I; CRUZ, T. de Mello R. Prefácio. In: TOMAZETTI, E. M. (Org.). *Filosofia no Ensino Médio: experiências com cinema, teatro, leitura e escritura a partir do PIBID*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2012. p. 3-4.

OBIOLS, G. *Uma introdução ao ensino da Filosofia*. Ijuí, RS: Unijuí, 2002.

GASSET, J. O. Y. *Meditação sobre a técnica*. Recife: Massangana, 1963.

PALÁCIOS, M. Mundo digital: cibercultura, conectividade, exclusão digital, hipertexto, informática, interface, internauta, internet, redes, sociedade da informação, telemática virtual. *Cultura e Atualidade*, EDUFBA, 2005.

SILVA, J. F.; CORONEL, D. *O ensino de filosofia no contexto das políticas públicas no Brasil*. 2006. Disponível em:<<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

TOMAZETTI, E.M. Apresentação. In: TOMAZETTI, E. M. (Org.) *Filosofia no Ensino Médio: experiências com cinema, teatro, leitura e escritura a partir do PIBID*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2012. p. 4-5.

Recebido em: 10 abr. 2014

Aceito em: 7 out. 2014